

# Nota de apresentação

## Caminhos da Arquivística Histórica I: materialidades, contextos de produção de informação, representações documentais

MARIA DE LURDES ROSA

Professora auxiliar NOVA FCSH (IEM-NOVA FCSH)

[mlrosa@fcs.unl.pt](mailto:mlrosa@fcs.unl.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2027-4485>

RITA SAMPAIO DA NÓVOA

Investigadora do projeto VINCULUM (IEM-NOVA FCSH)

[ritanovoa@fcs.unl.pt](mailto:ritanovoa@fcs.unl.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6543-6807>

ABEL RODRIGUES

Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (IEM-NOVA

FCSH; Centre Jean-Mabillon, École nationale des chartes-PSL)

[abelrodrigues@fcs.unl.pt](mailto:abelrodrigues@fcs.unl.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1254-4112>

Remonta a 2008 o início do caminho da Arquivística Histórica, com a constituição de um grupo de investigação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) dedicado ao estudo dos arquivos de família no Portugal de Antigo Regime. Se esta área disciplinar nasceu de uma investigação histórica tradicional, depressa os próprios objetos de estudo obrigaram a ir para além dos limites teóricos e metodológicos da História e exigiram a adoção de uma perspetiva interdisciplinar. Surgia assim um campo de estudos entre a História e a Ciência Arquivística, entendendo-se esta última na sua plenitude científica, já emancipada da subserviência à História enquanto disciplina auxiliar. Neste campo couberam também as influências da Ciência da Informação e da *Archival Science* anglo-saxónica, procurando-se expandir o espectro de problematização e as perspetivas de

análise de um processo tão complexo — do ponto de vista social, político, cultural, epistemológico e técnico — como é aquele que conduz a produção informacional desde a sua constituição em documentos e arquivos até à sua transformação em “fonte” para o trabalho historiográfico.

Como os historiadores dos arquivos e da informação e também arquivistas haviam já notado, a compreensão deste processo sofria, e sofre ainda, com o “archival divide” que tem afastado a História e a Arquivística, avessas a partilhar o que uma e outra consideram ser o seu feudo científico<sup>1</sup>. Neste contexto, a Arquivística Histórica pretende funcionar como ponte, investindo no diálogo interdisciplinar e insistindo nos seus benefícios.

Permitimo-nos recuperar a primeira tentativa de definição conceptual desta área disciplinar, elaborada em 2017, mantendo, contudo, a provisoriade que na altura lhe foi atribuída já que continua, agora, como então, a ser um *work in progress* que vai bebendo do desenvolvimento da investigação empírica:

Chamámos “Arquivística Histórica” à perspectiva que visa (...) estudar a produção informacional das instituições e a sua transformação em documentos e arquivos, na História, tendo em conta a produção de informação social em contexto, a sua “documentalização”, as múltiplas faces que os “arquivos” podiam ter (usando por exemplo o conceito de “práticas arquivísticas”); não apenas com os arquivos existentes, mas complementando estes com informações reunidas em fontes diversas sobre aqueles aspetos; caracterizando historicamente as instituições e construindo modelos de cariz orgânico para o tratamento da documentação existente; analisando a forma como arquivavam e usavam a informação arquivada, e conferindo-lhe importância social; contextualizando estas práticas e interpretando o seu significado; seguindo todo o percurso da informação e compreendendo as mutações a que o tempo a sujeitou; enfim, respondendo a questões historiográficas mais amplas<sup>2</sup>.

Passados quinze anos, os múltiplos encontros científicos nacionais e internacionais, as publicações de livros, artigos e capítulos de livros e as teses

---

<sup>1</sup> Blouin, F., & Rosenberg, W. (2011). *Processing the Past. Contesting authority in History and the archives*. Oxford University Press.

<sup>2</sup> Rosa, M. de L. (2017). Reconstruindo a produção, documentação e conservação da informação organizacional pré-moderna. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 550-551.

de mestrado e doutoramento provaram o potencial e o interesse da Arquivística Histórica, que, entretanto, se expandiu muito além dos arquivos de família. Provaram-no também os projetos de investigação, tais como o INVENT.ARQ (<https://arqfam.fcsh.unl.pt/?portfolio=inventarq>), o ARCHIFAM (<https://arqfam.fcsh.unl.pt/?portfolio=archifam>) ou, mais recentemente, o VINCULUM, financiado pelo European Research Council (<https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/>). Provaram-no ainda as iniciativas de comunicação de ciência e as atividades abertas a um público alargado. E provaram-no, por último — e, talvez, sobretudo —, as diversas ações de formação e ofertas letivas que, ao longo dos anos, foram acolhendo interesse não só da parte de estudantes universitários da área da História e de outras Ciências Sociais e Humanas, mas também de profissionais de arquivos e instituições culturais e de memória.

Os textos que se apresentam neste número (o primeiro de um conjunto de dois números especiais dedicados à Arquivística Histórica) são precisamente resultantes de uma dessas ofertas letivas, a Pós-Graduação em Arquivística Histórica, cuja primeira edição funcionou no ano letivo de 2021/22 na NOVA FCSH sob a coordenação de Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa. Esta Pós-Graduação, única do género no âmbito do ensino superior português, ofereceu formação teórica e prática numa área de estudos inovadora e emergente. O seu objetivo central passou pela aquisição e/ou aprofundamento de conhecimentos e competências que permitissem dotar especialistas das ferramentas necessárias para compreender os arquivos — na sua dupla aceção de instituições de memória e conjuntos documentais — como complexas construções sociais, políticas e culturais organicamente ligadas à evolução histórica das suas entidades produtoras. A criação de uma oferta letiva dentro deste campo de estudo interdisciplinar pretendeu, em simultâneo, colmatar o vazio que cada vez mais se faz sentir, de uma formação dedicada em Arquivística, mas recusando voltar a uma visão tradicional deste saber: relacionando-o com a Ciência da Informação, sem deixar de valorizar os contributos das Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente da História. Por outro lado, revelou-se particularmente benéfica para formandos oriundos da área da História, onde a literacia arquivística está claramente sub-representada enquanto área de formação. Salienta-se ainda que a opção pela inclusão da Ciência Arquivística na matriz pluridisciplinar do curso visou acompanhar as mais recentes tendências internacionais, onde a “Archival Science” anglo-saxónica é um campo em pujante desenvolvimento.

No âmbito desta Pós-Graduação, os alunos e as alunas foram convidados e convidadas a elaborar um trabalho final de curso sobre um tema à sua escolha dentro do quadro teórico e metodológico da Arquivística Histórica, preven-

do-se, desde logo, a sua publicação futura. Alguns dos trabalhos produziram-se na sequência de estágios em instituições arquivísticas no contexto de protocolos de estágio celebrados entre estas últimas e a Universidade. Outros foram produto de uma investigação histórico-arquivística desenvolvida sob a tutoria de docentes e especialistas associados à Pós-Graduação. Vários dos temas explorados nos trabalhos finais surgiram no decurso da fase letiva do curso a partir dos assuntos discutidos nas diferentes unidades curriculares; muitos outros foram trazidos pelos alunos e pelas alunas, que, assim, procuraram respostas no campo formativo para os problemas profissionais do seu quotidiano.

Ao longo deste processo formativo, devem ser sublinhadas as diversas parcerias institucionais estabelecidas para acolher investigações pontuais ou estágios curriculares prolongados, assentes uns e outros numa forte componente empírica, que contaram com o apoio permanente de especialistas vinculados a essas mesmas instituições. Nesta constante — e urgente, até — procura de soluções para os vastos e importantes arquivos históricos incorporados em Instituições de Memória, não só ao nível da sua conservação, mas também do seu estudo, divulgação e acesso, as componentes teórico-práticas das ofertas formativas do Ensino Superior podem e devem ter uma palavra a dizer. Não basta incorporar; é necessário tratar e divulgar, mantendo um debate permanente, aberto e positivo na procura de soluções mais vastas para um passado que merece um futuro. As unidades curriculares que compõem a formação académica fornecem o método, o aparato crítico e o contacto com os contextos históricos de produção da informação que serão, depois, complementados com a *praxis* técnico-científica desenvolvida e já consolidada no seio dessas mesmas Instituições. Neste sentido, são devidos agradecimentos à Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas — especialmente à Divisão de Tratamento Técnico Documental e Aquisições (DTTDA) —, à Academia das Ciências de Lisboa, à Fundação Calouste Gulbenkian, à Irmandade dos Clérigos do Porto — Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, e à Direcção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira.

Destes trabalhos, dez serão agora dados à estampa em dois números especiais do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Consideramos ser o BAUC a casa ideal para receber estes números, não só pela sua reconhecida excelência, mas também por acolher desde há alguns anos a esta parte diversos artigos desenvolvidos na área da Arquivística Histórica<sup>3</sup>, alguns

---

<sup>3</sup> Henriques, L., & Rosa, M. de L. (2016). O Arquivo da Casa da Lapa (1804-1832) e os seus inventários: gestão dos bens e memória dos antepassados. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 26, 89-132; Rosa, M. de L. (2017). Reconstruindo a produção, documentalização e

deles nascidos já na própria Pós-Graduação — seja no contexto de uma unidade curricular<sup>4</sup>, seja como resultado do estágio em contexto laboral<sup>5</sup> —, devendo, também, ser salientada a fecunda ligação à Imprensa da Universidade de Coimbra que, em 2019, publicou a obra *Recovered Voices, Newfound Questions: Family archives and historical research*, dedicada ao estudo de arquivos de família<sup>6</sup>.

Neste primeiro número tomaremos contacto com diferentes abordagens a arquivos pessoais contemporâneos, a arquivos de famílias do Antigo Regime, mas também a arquivos institucionais em pleno funcionamento ou já integrados em instituições de custódia em Portugal Continental, mas também nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. A expressiva maioria destes trabalhos pretende compreender as materialidades dos arquivos, problematizar, reconstituir e contextualizar a produção da informação e, sobretudo, conferir aos documentos uma inteligibilidade que seja visível através de uma eficaz e otimizada representação da informação para fins de pesquisa e de reutilização no processo científico de construção da Memória local e nacional.

O primeiro texto é da autoria de Rita Emília Ferreira Fernandes, arquiteta de formação, que apresenta o processo de reconstituição do acesso à documentação do Arquivo do Serviço de Beneficência da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), como parte integrante de um projeto mais vasto intitulado *ArchNeed, Arquitetura de Necessidade: Equipamento Comunitário em Portugal 1945-1985*, financiado pelo European Research Council (<https://arquitecturaaqui.eu/>). Na sua ótica, o “arquivo deste Serviço associado ao

---

conservação da informação social pré-moderna: perspectivas teóricas e proposta de percurso de investigação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 547-586; Gago, A. B. (2017). A importância dos registos de autoridade arquivística nos arquivos de família: o Arquivo Almada e Lencastre Bastos – um caso prático. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 451-493; Gago, A. B. (2019). O Arquivo Almada e Lencastre Bastos: um arquivo de família(s)”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 32(1), 39-98; Nóvoa, R. S. da. (2019). *Breviora reddet ordo, et mens, et ratio: o “Inventário Geral dos papéis de António Xavier de Miranda Henriques” (1815). Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 32(2), 59-85.

<sup>4</sup> Merêncio, M. B. (2022). A Inspeção das Bibliotecas e Arquivos no discurso direto. Ação e atividade programática através dos Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal (1914-1949). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 35(1), 81-114.

<sup>5</sup> Couto, J. M. (2023). A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 36(1), 163-253; Guarda, I. (2022). Documentos de arquitetura em instituições portuguesas: problemas e desafios. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 35(2), 95-113.

<sup>6</sup> Rosa, M. de L., Nóvoa, R. S. da., Gago, A. B., & Câmara, M. J. da. (Coord.). (2019). *Recovered voices, newfound questions. Family archives and historical research*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

fim estatutário da Beneficência da FCG é fundamentalmente um arquivo de processos de subsídios, onde a arquitetura se manifesta como um dos instrumentos de resposta". Através de um aturado trabalho empírico, numa documentação que nunca havia sido alvo de uma abordagem arquivística, a autora procura "perscrutar e decifrar as lógicas, à primeira vista paradoxais, dos códigos [e sistema de cotas] utilizados por aquela unidade orgânica" e a estrutura da documentação produzida, dedicando ainda uma oportuna reflexão sobre a assunção de distâncias entre a cultura administrativa e a cultura arquivística que podem "levar a perdas de conhecimento significativas" na gestão da informação.

Maria Beatriz Merêncio e Joana Soares, que realizaram o seu estágio curricular na Academia das Ciências de Lisboa, oferecem-nos uma síntese da história institucional e a proposta de um quadro de classificação do arquivo, baseado em critérios orgânico-funcionais, resultante da análise dos sucessivos estatutos e normativas que regulamentaram o funcionamento da Instituição que oficializou o *Sapere Aude* no contexto nacional, como força motriz de um conhecimento eminentemente útil e pragmático em benefício do Progresso e do Bem Comum, conceitos tão caros ao espírito das Luzes.

O terceiro texto é da autoria do músico Francisco Oliveira Cymbron Furtado Cabral e insere-se no subcampo da Arquivística Musical. O Autor sugere uma proposta de descrição arquivística para "A Documentação Musical do Arquivo da Irmandade dos Clérigos do Porto", procurando desconstruir a complexidade da escrita musical e a especificidade dos 72 documentos musicais, de 27 obras dos séculos XVI a XVIII. Avança, assim, com a sua descrição catalográfica e propõe que as duas séries de documentos — Partituras manuscritas e Partituras impressas — convirjam para a estrutura classificativa do catálogo global daquele Arquivo, elaborados em 2015 e, desde então, disponíveis no PAPIR. Para além da história custodial do fundo e de uma abordagem de história institucional, o Autor discorre, oportunamente, "sobre as ligações entre a música e a arquivística, sublinhando a falta de técnicos especializados em ambas as áreas, para o tratamento de acervos semelhantes, em arquivos públicos e privados".

Maria João Fonseca, arquiteta paisagista, doutorada pelo ISCTE-IUL, foi bolseira de pós-doutoramento no projeto da Infraestrutura ROSSIO — Ciências Sociais, Artes e Humanidades, integrada na Direção-Geral do Património Cultural. Nessa condição, foi responsável pelo tratamento arquivístico de uma parte do arquivo do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, doado ao Forte de Sacavém pelo próprio em 2006, e pelo recenseamento da restante documentação ainda existente na posse dos seus herdeiros, mas que foi, em

boa hora, doada à mesma instituição em 2022. Trata-se de um estudo, redigido em língua inglesa, de grande profundidade analítica que apresenta um primeiro quadro orgânico-funcional do arquivo, demonstrando a personalidade multifacetada de Gonçalo Ribeiro Telles, a sua ação profissional, política e cívica, e, sobretudo, o contexto originário de produção da informação resultante das funções concomitantes que exerceu durante a sua vida adulta. Outros tópicos da maior pertinência são, sem dúvida, a abordagem crítica à dualidade entre os arquivos de arquitetos e arquivos de arquitetura, bem como a análise comparativa das práticas arquivísticas contemporâneas no plano internacional colocando em confronto as opções classificativas no arquivo de Sir Geoffrey Alan Jellicoe (disperso por várias instituições inglesas, muito embora o seu arquivo pessoal pertença ao Museum of English Rural Life) e no arquivo de Cornelia Hahn Oberlander, adquirido pelo Canadian Centre for Architecture (CCA).

“Quare? O arquivo de D. Francisco Manuel de Melo” consubstancia o extenso trabalho heurístico desenvolvido por Paulo Manuel dos Anjos Ribeiro Gonçalves com o objetivo de proceder à reconstituição virtual do arquivo daquele escritor e político, que faleceu repentinamente em 1666. Partindo dos cerca de cem documentos inéditos que foram publicados por Edgar Prestage em 1909, 1910 e 1914, sem citar a sua origem, o Autor lança-se numa abordagem biográfica do produtor da informação, para contextualizá-lo no plano familiar, social e cultural do seu tempo e para apresentar hipóteses dos percursos daquilo que teria sido o seu arquivo e, finalmente nos apresentar uma completa “relação por ordem cronológica” dos documentos publicados por Prestage, fornecendo datas, títulos e sumários, e a localização dos originais. Não menos importante é o contributo para a reconstituição das redes de intelectuais no dealbar do século XX e da troca de fontes primárias que, também, contribui sobremaneira para a consolidação do ofício do historiador erudito-metódico.

O último dos textos deste número do BAUC é da autoria de Pedro Diogo Pereira da Câmara e visa debater as “Tendências e a fundamentação teórica desenvolvidas em torno dos Arquivos de Família” a partir do estudo de caso do Arquivo da Família Calisto Pinto da Silva, pertencente à Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira. Partindo de um instrumento de descrição já existente, mas ainda incipiente, elaborou o estudo genealógico da família para servir de suporte à perspetiva sistémica evidenciada no quadro de classificação, e procedeu à informatização de 95 descrições arquivísticas, balizadas cronologicamente entre 1824 e 1930, bem como à criação de registos de autoridade arquivística que, hoje, se encontram integralmente

acessíveis nas plataformas digitais da Entidade Custodiadora. Para além disso, o Autor apresenta um conjunto de reflexões em torno das intencionalidades da conceção do acervo documental e do papel desempenhado pelo arquivo na construção da identidade e memória familiar e pessoal.

No seu conjunto, estes textos revelam, desde logo, o potencial da Arquivística Histórica e de uma abordagem interdisciplinar ao estudo e tratamento do património arquivístico. Traduzem, também, a importância do trabalho empírico para a consolidação e desenvolvimento desta área disciplinar, que se abre, assim, ao teste, adaptação e expansão dos seus limites teórico-metodológicos. E demonstram ainda os grandes benefícios da aposta na formação avançada, possibilitadora de uma aprendizagem recíproca e da descoberta, enfim, de novos caminhos.

## BIBLIOGRAFIA

- Blouin, F., & Rosenberg, W. (2011). *Processing the Past. Contesting authority in History and the archives*. Oxford University Press.
- Couto, J. M. (2023). A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 36(1), 163-253.
- Gago, A. B. (2017). A importância dos registos de autoridade arquivística nos arquivos de família: o Arquivo Almada e Lencastre Bastos – um caso prático. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 451-493.
- Gago, A. B. (2019). O Arquivo Almada e Lencastre Bastos: um arquivo de família(s). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 32(1), 39-98.
- Guarda, I. (2022). Documentos de arquitetura em instituições portuguesas: problemas e desafios. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 35(2), 95-113.
- Henriques, L., & Rosa, M. de L. (2016). O Arquivo da Casa da Lapa (1804-1832) e os seus inventários: gestão dos bens e memória dos antepassados. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 26, 89-132.
- Merêncio, M. B. (2022). A Inspeção das Bibliotecas e Arquivos no discurso direto. Ação e atividade programática através dos Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal (1914-1949). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 35(1), 81-114.
- Nóvoa, R. S. da. (2019). Breviora reddet ordo, et mens, et ratio: o “Inventário Geral dos papéis de António Xavier de Miranda Henriques” (1815). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 32(2), 59-85.
- Rosa, M. de L. (2017). Reconstruindo a produção, documentalização e conservação da informação social pré-moderna: perspectivas teóricas e proposta de percurso de investigação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30, 547-586.
- Rosa, M. de L., Nóvoa, R. S. da, Gago, A. B., & Câmara, M. J. da. (Coord.). (2019). *Recovered voices, newfound questions. Family archives and historical research*. Imprensa da Universidade de Coimbra.